

ubu

ROMANCE MODERNO

- SUPERMACHO
- SUPERMACHO
- SUPERMACHO
- SUPERMACHO
- SUPERMACHO
- SUPERMACHO
- SUPERMACHO
- SUPERMACHO
- SUPERMACHO
- SUPERMACHO
- SUPERMACHO
- SUPERMACHO
- SUPERMACHO
- SUPERMACHO
- SUPERMACHO

Alfred Jarry

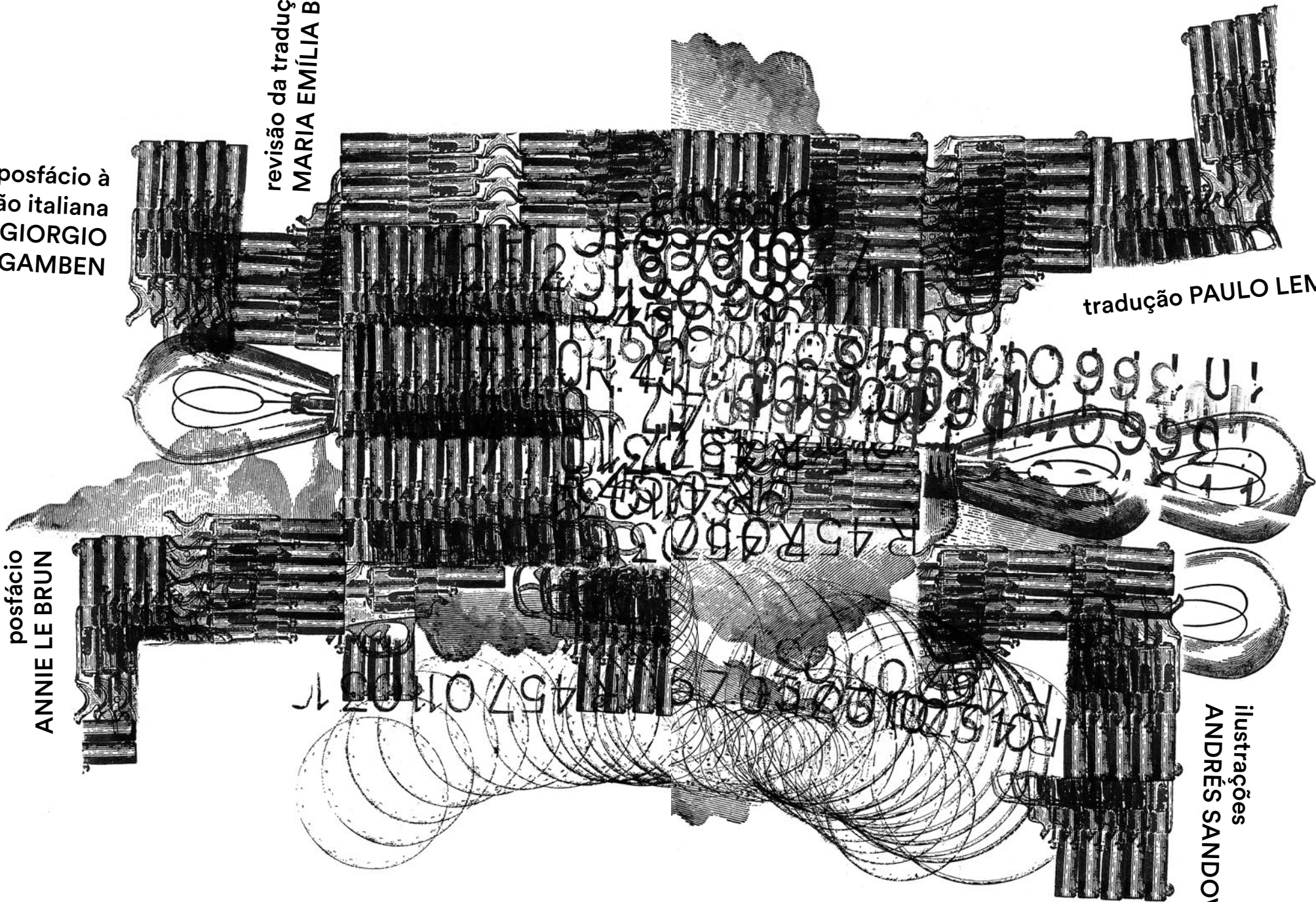
posfácio à
edição italiana
GIORGIO
AGAMBEN

revisão da tradução
MARIA EMÍLIA BENDER

tradução PAULO LEMINSKI

posfácio
ANNIE LE BRUN

ilustrações
ANDRÉS SANDOVAL



1
1
1
1
Quem dá mais? **9**

2
2
2
2
O coração nem à esquerda nem à direita

3
3
3
É uma fêmea, mas é demais **27**

33
4
4
4
4
Um fiapo de mulher **51**

5
5
5
5
A corrida das Dez Mil Milhas **61**

6
6
6
6
O álibi **85**

7
7
7
Só as damas **93**

8
8
8
8
O óvulo **103**

9
9
9
9
9
109

O Indiano tão celebrado por Teofrasto

10
10
10
119
Quem é você, ser humano?

11
11
11
E mais **121**

12
12
12
12
Ó belo rouxinol **125**

13
13
13
13
A descoberta da Mulher **137**

14
14
14
A máquina amorosa

157
PAULO LEMINSKI
Jarry, supermoderno

160
ANNIE LE BRUN
Alfred Jarry ou a reinvenção do amor

169
GIORGIO AGAMBEN
A divindade do riso

147

radoxo, bastaria que cada uma expressasse seu pensamento; a prática social, porém, logo reduziu os bons propósitos dessas pessoas, bem-pensantes e ilustres, à insignificância polida de uma conversação mundana.

A frase inesperada talvez provocasse o mesmo efeito que aquele, até hoje mal analisado, de uma pedra atirada num charco cheio de rãs – depois de um ligeiro desconforto, um interesse generalizado.

Ela poderia, antes de mais nada, produzir um outro resultado: sorrisos. Mas por infelicidade quem a pronunciara fora o anfitrião.

O rosto de André Marcueil, bem como seu aforismo, abriu um vazio no salão: não por sua singularidade, mas – se é que estas duas palavras podem vir juntas – por sua insignificância característica: tão pálido quanto o peitilho da camisa, ele teria se confundido com os painéis de madeira das paredes, pouco iluminados e sem o debrum nanquim da barba que ele portava como um colarinho, e de seus cabelos levemente compridos e ondulados a ferro, sem dúvida para esconder uma calvície incipiente. Os olhos eram provavelmente negros, mas com certeza fracos, pois se abrigavam por trás das lentes fumês de um pincenê de ouro. Marcueil tinha trinta anos e uma estatura média, que ele parecia gostar de diminuir ainda mais ao encurvar os ombros. Os pulsos, finos e tão peludos que lembravam à perfeição seus esguios tornozelos embainhados em seda preta – pulsos e tornozelos evocando em toda a sua pessoa uma fragilidade notável, pelo menos a julgar por aquilo que se via. Falava baixinho e devagar, como que preocupado em controlar a respiração. Se possuísse uma licença de caça, sem dúvida se leria na descrição física: queixo arredondado, rosto oval, nariz comum, boca comum, compleição comum... Marcueil encarnava tão bem o tipo do homem comum que, na verdade, isso o tornava extraordinário.

A frase se revestia de uma ironia deplorável, sussurrada como um sopro pela boca desse manequim: Marcueil certamente não sabia o que dizia, pois dele nunca se ouvira falar que tivesse amante, e supunha-se que seu estado de saúde lhe proibisse os prazeres do amor.

Fez-se um silêncio glacial, e alguém se apressou a mudar de assunto, quando Marcueil retomou: “Falo sério, senhores”.

“Eu imaginava”, murmurou a nada jovem Pusice-Euprécie de Saint-Jurieu, “que o amor fosse um sentimento.”

“Talvez, senhora”, disse Marcueil. “Basta entrarmos num acordo... sobre... o que se entende... por sentimento.”

“É uma impressão da alma”, apressou-se em dizer o cardeal.

“Li alguma coisa sobre isso nos filósofos espiritualistas na minha infância”, acrescentou o senador.

“Uma sensação enfraquecida”, disse Bathybius. “Viva os associacionistas ingleses!”

“Minha opinião quase coincide com a do doutor”, disse Marcueil. “Um ato atenuado, provavelmente, isto é, não bem um ato, ou melhor: um ato em potencial.”

“Admitindo-se essa definição”, disse Saint-Jurieu, “o ato realizado excluiria o amor?”

Henriette Cyne bocejou, ostensivamente.

“Claro que não”, disse Marcueil.

As senhoras julgaram que deveriam se preparar para corar atrás de seus leques, ou para fingir que iam corar.

“Claro que não”, ele concluiu, “se ao ato realizado suceder um outro que resguarde aquilo que... de sentimental só acontecerá mais tarde.”

Desta vez, muitos não contiveram um sorriso. O anfitrião evidentemente lhes dava toda a liberdade para tanto, divertindo-se com o desenrolar de um paradoxo.

“Ei! Onde foi que o senhor aprendeu isso?”, disse Bathybius. “O senhor não anda de bicicleta... ou anda?”

“Exercícios físicos não me fazem bem, meu amigo, não sou lépido o bastante”, disse Marcueil.

“Bem, seria apenas um *parti pris*”, murmurou o doutor. “Não saber nada, nem sobre o aspecto físico nem sobre o moral... Mas por quê? É bem verdade que ele tem uma aparência abatida.”

“O senhor poderia julgar os efeitos do *Perpetual Motion Food* sem se expor ao incômodo de precisar tomá-lo, permanecendo um mero espectador de performances físicas”, disse William Elson a Marcueil. “Depois de amanhã vai haver uma corrida de bicicleta, durante a qual uma equipe de ciclistas vai se alimentar exclusivamente dele. Se o senhor não se aborrece de me dar a honra de assistirmos à chegada...”

“Contra o que corre essa equipe?”, perguntou Marcueil.

“Contra um trem”, disse Arthur Gough. “E me permito supor que minha locomotiva atingirá velocidades sequer sonhadas até hoje.”

“Ah... E qual a distância?”, perguntou Marcueil.

“Dez mil milhas”, falou Arthur Gough.

“São 16093 quilômetros e duzentos metros”, William Elson explicou.

“É a mesma coisa, isso não quer dizer nada”, constatou Henriette.

“É maior que a distância entre Paris e o mar do Japão”, Arthur Gough disse. “Como não temos, de Paris a Vladivostok, o ponto exato de nossas dez mil milhas, vamos dar uma volta quando chegarmos a dois terços do trajeto, entre Irkutsk e Stryensk.”

“Isso mesmo”, disse Marcueil, “pelo menos assim assistiremos à chegada a Paris, que é o que importa. Depois de quanto tempo?”

“Estamos prevendo cinco dias de percurso”, respondeu Arthur Gough.

“É bastante”, observou Marcueil.

O químico e o mecânico reprimiram um dar de ombros diante dessa observação, que revelava a completa incompetência do interlocutor.

Marcueil se corrigiu: “Quero dizer que seria mais interessante acompanhar a corrida do que esperar a chegada.”

“Estamos levando dois vagões-dormitório”, falou William Elson. “A seu dispor. Além dos mecânicos, não há outros passageiros, a não ser minha filha, eu mesmo e Gough.”

“Minha mulher não vai”, acrescentou Gough. “É muito nervosa.”

“Não sei ao certo se também sou nervoso”, disse Marcueil. “Mas sei muito bem que sempre enjoa quando viajo de trem, e morro de medo de acidentes. Na falta de minha sedentária pessoa, que meus votos de felicidade acompanhem os senhores.”

“Mas o senhor pelo menos vai assistir à chegada?”, insistiu Elson.

“Pelo menos a chegada, eu frisaria”, concordou Marcueil, escandindo suas palavras de maneira engraçada.

“O que é esse seu tal de *Motion Food*?”, perguntou Bathybius ao químico.

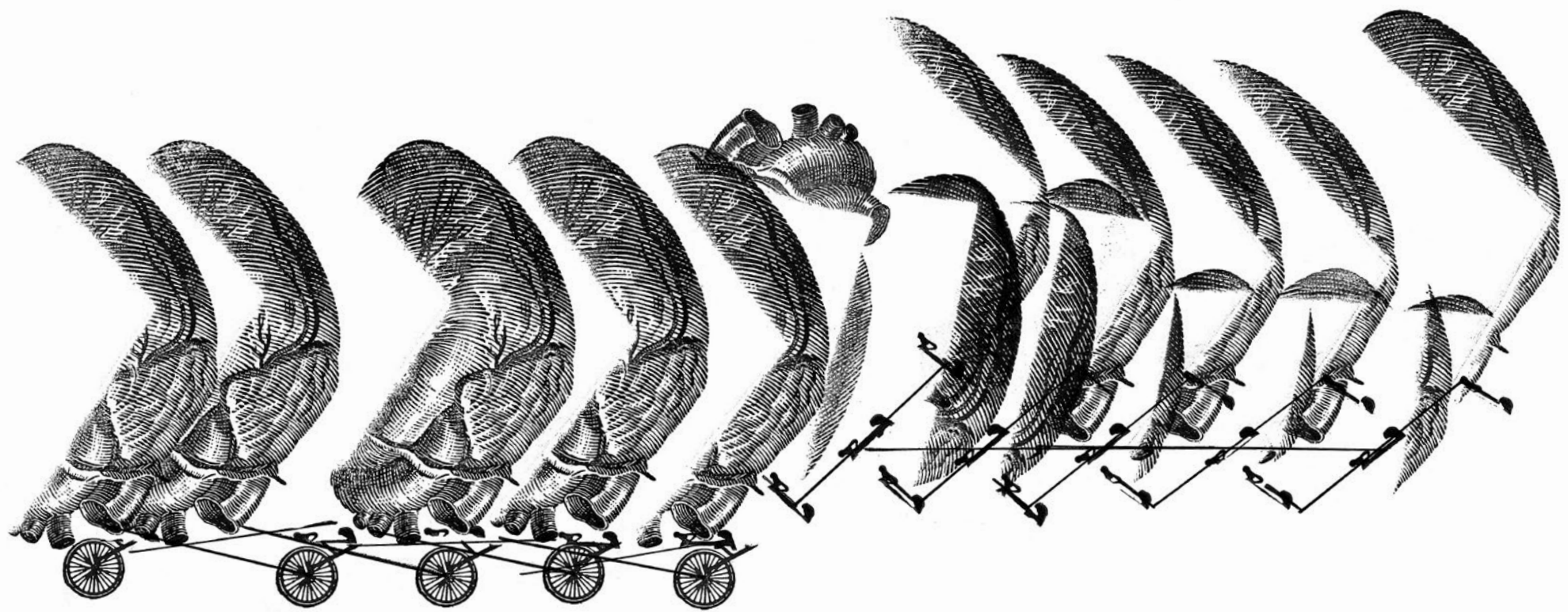
“O senhor bem sabe que não posso lhe dizer... a não ser que é à base de estircnina e álcool”, Elson respondeu.

“A estircnina, em altas doses, é um tônico, isso todo mundo sabe. Mas e o álcool? Para preparar os corredores? O senhor deve estar brincando, longe de mim morder a isca de suas teorias”, exclamou o doutor.

“Nós nos afastamos do coração, me parece”, dizia Mrs. Gough, nesse meio-tempo.

“Voltemos, senhores”, replicou André Marcueil com sua voz branca, sem impertinência aparente.

“As forças amorosas humanas são infinitas, sem dúvida”, retomou Mrs. Gough. “Mas, como dizia um desses senhores, há um momento, é preciso entender – assim, seria interessante saber a



“O que se faz num dia, pode-se, por mais razões, fazê-lo todos os dias”, disse Marcueil, “... o costume... Mas se esse homem era muito excepcional, é de fato possível que ele tenha acabado por se confinar ao efêmero... Pode-se ainda supor que ele ocupava seu tempo da mesma maneira todos os dias e que só admitiu espectadores uma vez.”

“Um índio?”, meditava Henriette Cyne. “Um homem vermelho com um tapete e escalpos, como em Fenimore Cooper?”¹¹

“Não, minha criança”, disse Marcueil, “não confunda índio com indiano, mas o país não importa. Faço minha sua opinião, esta frase de Rabelais soa com majestade: ‘O Indiano tão celebrado por Teofrasto’, e seria lamentável que não se tratasse de um verdadeiro índio, sioux ou comanche, para que se realizasse esse seu *décor* imaginário.”

“Um hindu?”, o doutor deixou escapar. “De fato, se a inverossimilhança não fosse tão flagrante... A Índia é o país dos afrodisíacos.”

“O capítulo XX do livro IX de Teofrasto de Eressos é, com efeito, consagrado aos afrodisíacos”, disse Marcueil. “Mas repito aos senhores”, e ele se animava um pouco e os olhos brilhavam sob suas lentes, “que acredito que nem a droga nem a pátria têm importância, e que haveria ainda mais razões para que um homem branco... Mas”, acrescentou, quase à parte, “num homem de terras singulares julgar-se-ia a proeza menos singular, menos incrível... pois parece ser uma proeza!... De qualquer forma, o que um homem fez, um outro pode fazer.”

“O senhor sabe quem foi o primeiro que disse isso que o senhor está ruminando aí?”, interrompeu Mrs. Gough, que tinha lá suas leituras.

“Isso que...”

“Justamente, sua frase: ‘O que um homem fez...’”,

“Ah! sim, mas eu não pensava mais nisso. Isso está escrito... Nossa”, disse Marcueil, “nas *Aventuras do barão de Munchausen*.”

“Esse alemão eu não conheço”, disse o general.

“Um coronel, general”, soprou Mrs. Gough, “um coronel dos hussardos vermelhos... em francês, Monsieur de Crac.”

“Entendi: histórias de caça”, o general disse.

“Em verdade, meu amigo”, disse a Marcueil a sra. de Saint-Jurieu, “era impossível insinuar mais espiritualmente que o recorde do Indiano só seria batido por... vejamos... esse outro pele-vermelha, um hussardo... vermelho... com bastante imaginação!”

“É exatamente a esse ponto”, acrescentou Henriette Cyne, “que os senhores querem chegar e... para ele nos fizeram navegar! Os senhores encerraram os lances com muita habilidade jogando como...”

“Quem faz as maiores ofertas; prossiga”, disse Saint-Jurieu.

“... alguém a quem as... palavras não custam nada.”

“Basta ter uma língua bem solta”, disse o general.

“Como na África...”, disse Henriette. “Acabo de dizer uma besteira.”

“Senhores”, disse bem alto e muito cerimoniosamente André Marcueil, “creio que o coronel barão de Munchausen fez tudo o que disse, e ainda mais.”

“Quer dizer, nunca acabam, essas apostas?”, Mrs. Gough se interessou.

“A coisa está ficando um pouco maçante”, disse Henriette Cyne.

“Vamos ver, Marcueil”, disse Bathybius. “Não é absurdo que um homem salte a cavalo sobre um açude, como esse mítico barão, e ao perceber que não tomou bastante impulso retorne à margem, ele e seu cavalo, puxando-se a si mesmo e ao animal por seu próprio cabelo preso num rabo de cavalo?”

“Os militares naquela época traziam ‘o cabelo preso num rabo’”,

interrompeu Arthur Gough, com mais erudição que senso de oportunidade.

“... Mas é contrário a todas as leis da física”, Bathybius finalizou.

“Isso tudo nada tem de erótico”, o senador observou dis-
traidamente.

“Nem de impossível”, atalhou Marcueil.

“Estão zombando do senhor”, disse Pusice-Euprécie ao marido.

“O barão só cometeu um erro”, continuou André Marcueil. “Foi
narrar suas aventuras *depois* de acontecidas. Se bem que, não
duvido, mas acho espantoso que elas lhe tenham acontecido...”

“Eu acredito!”, gritou Henriette Cyne.

“Supondo, vamos convir, que elas tenham acontecido”, obs-
tinou-se mais pausadamente o doutor.

“Se o fato de lhe terem acontecido é espantoso”, disse Marcueil,
impassível, “que ninguém jamais tenha acreditado nelas o é bem
menos. E foi uma sorte para o barão! Imaginem que existência
levaria na sociedade invejosa e maledicente dos homens aquele
em cuja vida ocorressem tais milagres. Acabariam por torná-lo
responsável por todas as ações misteriosas e por todos os crimes
impunes, como outrora se queimavam os bruxos...”

“Seria adorado como a Deus”, disse Ellen Elson, a quem o pai
chamara de volta depois que a conversa havia retornado, graças
ao barão de Munchausen, ao alcance das donzelas.

“E de quanta liberdade não desfrutaria”, encerrou Marcueil,
“se imaginarmos que, cometesse quantos crimes quisesse, a
incredulidade universal lhe forneceria todos os álibis!”

“Sendo assim, meu amigo”, sussurrou Mrs. Gough, “como é
que o senhor esteve tão perto, agora mesmo, de imitar o barão?”

“Eu não contei nada *depois*, minha senhora”, disse Marcueil,
que infelizmente não era daqueles que têm aventuras dignas
de serem contadas...

“Quando é que o senhor conta, então... *antes*?”, disse Henriette
Cyne.

“Contar o quê? E *antes* do quê?”, Marcueil voltou à carga. “Va-
mos lá, minha cara, vamos deixar de lado essas ‘histórias de caça’,
como diz muito bem nosso velho amigo, o general.”

“Bravo, meu amigo! Quanto a mim, só acredito naquilo que é
crível”, aprovou Sider.

Ellen Elson se aproximara de André Marcueil, mais curvado
que nunca, envelhecido pela barba espessa, os olhos apagados
por trás do pincenê. Trajando seu impessoal costume de noite,
ele parecia mais ridículo e lastimável que uma máscara de carna-
val: vidro, ouro e pelos escondiam seu rosto; até os dentes eram
invisíveis por trás da bigodeira emaranhada e recurva. A virgem
firmou seu olhar no olhar sem pupila do pincenê de Marcueil:

“Eu acredito no Indiano”, ela murmurou.

Jarry, supermoderno ////////////////////////////////////// Paulo Leminski

A folhas tantas do seu *Manifesto do surrealismo* (1924), André Breton rascunha um esboço de árvore genealógica do movimento da “escrita automática” e do sonho acordado, de que sempre foi uma espécie de papa:

Poe é surrealista na aventura.
 Baudelaire é surrealista na moral.
 Rimbaud é surrealista na prática da vida e alhures.
 Mallarmé é surrealista na confiança.
 Jarry é surrealista no absinto.

Alfred Jarry (1873-1907), porém, foi mais que um simples bebedor da terrível bebida, quase psicodélica, que levava os poetas ao delírio, antes de matá-los em algum sanatório.

Antes de morrer, aos 32 anos, ele teve tempo para deixar atrás de si uma esteira de lendas de excentricidade e extravagância, a patafísica – “ciência das soluções imaginárias” –, meia dúzia de livros e uma contribuição definitiva para a história do teatro, na figura do Pai Ubu.

Dramaturgo e teatrólogo, como é mais conhecido, Jarry é precursor das práticas teatrais mais avançadas do século XX, o século em que, sob o impacto do cinema, do circo e do teatro exótico (Nô, Kabuki), Meyerhold, Piscator, Brecht, Antonin Artaud, Beckett e Ionesco dariam nova vida à arte de Sófocles, Shakespeare, Racine e Ibsen.

Seu ensaio “De l’Inutilité du Théâtre au Théâtre” (1896) expõe os princípios da sua dramaturgia: esquematização dos caracteres, das ações, do cenário, repúdio ao “realismo” e à psicologia.

Como vai ser lindo o século XX.

////////////////////////////////////

Rabelais. Sade. Nerval. Lautréamont. Rimbaud. Corbière. Raymond Roussel. Duchamp. Artaud. Breton. Drieu. Céline. Ponge. Queneau. Butor. Existe, de tocaia, uma linhagem louca naquela literatura que, estabilizada por Malherbe e Boileau, teve um começo legal na Aca-

demia, fundada pelo cardeal de Richelieu, e parece ser a mais “careta” das literaturas, uma literatura normal e normalizadora, muito zelosa da estabilidade de certas formas, do equilíbrio, da manutenção de um certo “bom gosto”, decoro canonizado com “o Gosto”, o “*génie latin*” de Anatole France.

Nessa linguagem, Jarry não foi o menos “louco”.

Nascido em Laval, no noroeste da França, Jarry deixou a lenda de uma vida tão bizarra quanto suas produções.

A fábula das suas singularidades corria de boca em boca, na Paris da Belle Époque.

Pescava seu almoço no Sena. Aficionado por matemática e física, estudava heráldica horas a fio. Quando lhe pediam fogo, puxava um revólver, que Picasso depois veio a obter e guardava como uma relíquia.

Sua fotografia mais conhecida o mostra andando de bicicleta, invenção recente, que era uma das suas paixões (tendo um papel fundamental em *O Supermacho*, onde o superalimento do cientista americano é experimentado nos ciclistas que fazem a corrida das Dez Mil Milhas, hipóbole sobre duas rodas da potência sexual infundável do *Indiano*).

Para nós, brasileiros, sua figura não pode deixar de lembrar a de Santos Dumont, tão excêntrico quanto ele, que vivia e tentava voar naquela mesma Paris da primeira década do século XX, quando viajar pelos ares parecia ser uma obsessão emblemática daquele momento de espantosas novidades e ilimitados horizontes tecnológicos.

Jarry também voou. Não em balões ou dirigíveis. Mas em criações dramáticas e textuais muitos pés acima do chão de seus contemporâneos, cabeça enfiada alguns quilômetros para dentro do futuro.

O verdadeiro culto que Dadá e os surrealistas lhe tributaram é mais que justificado: na rigorosa hierarquia poundiana, Jarry, supermoderno, é um “inventor”, um dos escritores mais originais do século XX, “herói fundador” de tantas singularidades que, depois de virarem moda, viraram sistema.

////////////////////////////////////

Centauro de fantasia erótica com romance de ficção-científica, *O Supermacho*, de 1902, chamado pelo autor “romance moderno”, faz par com *Messalina*, de 1901, “romance da antiga Roma”.

Nos dois “romances”, um no passado, outro no futuro, o herói é, num, um homem, no outro, uma mulher, dotados da capacidade de praticar o amor físico além dos limites humanos, “indefinidamente”. Priapismo e ninfomania: hipóboles da sexualidade.

Cenas de evidente marcação teatral. Jogos de palavras, de árdua decifração e recriação. O fio do enredo sustentado por trocadilhos. Um espírito lúdico libertado de amarras lógicas. A pontuação arbitrária e caprichosa. O tom meio erudito, meio circense. As imagens e comparações insólitas e delirantes. Alguma coisa de muito criança com qualquer coisa de muito velho.

A escritura de Jarry é de alta imprevisibilidade.

Não era provável que, em 1902, alguém chamado Alfred Jarry publicasse este romance que vocês acabam de ler, vocês não acham?